

# Frazão Pacheco Tradutor de Eça

*A n t ó n i o V a l d e m a r*

EÇA DE QUEIRÓS ENCONTRA-SE TRADUZIDO nas principais línguas europeias, apesar de o universo literário da sua obra de ficção e intervenção jornalística permanecer circunscrita a Portugal, e quando escreve acerca da França, da Inglaterra e outros países, dirigir-se sempre a leitores de Portugal e do Brasil.

Este facto ocorreu em sua própria vida, em torno dos romances que publicou e, depois, em relação às obras póstumas organizadas por Luís de Magalhães e por seus filhos, José Maria Eça de Queirós e Maria Eça de Queirós.

Ernesto Guerra da Cal recenseou nos cinco tomos de *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz* (*Acta Universitatis Conimbricensis* – 1975/1985) tudo o que lhe foi possível recolher em Portugal e no estrangeiro em matéria de bibliografia activa e passiva e, também, de iconografia artística. O exaustivo levantamento de Guerra da Cal ficou completado por A. Campos Matos no *Dicionário de Eça de Queiroz* e no *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz* (Editorial Caminho) e por Ana Madureira *Eça no Estrangeiro – os últimos 25 anos, tradução e crítica* (Instituto Camões).

Enquanto vivo, Eça viu traduzidos *O Crime do Padre Amaro*, (1875), *O Primo Basílio* (1878), *O Mandarin* (1880) e *A Relíquia* (1887). Refere Guerra da Cal a autorização de Eça para uma versão em francês (que não se chegou a editar) de *O Primo Basílio*, por Steenackers, um amigo de Ramalho Ortigão; e a tradução em francês de *O Mandarin*, por M. L. Simões. Esta última saiu, em Paris, em 1884, na *Revue Universelle Internationale*, dirigida por Jules Lermina e Ladislav Mickiewicz. Dispersa nas páginas da revista esteve, contudo, para ser reunida em livro. Eça de Queirós escreveu uma carta prefácio

de grande importância na qual explica a sua evolução estética. Manteve-se inédita até 1907, data em que se encontra incorporada na 5.<sup>a</sup> edição portuguesa d'*O Mandarim* e, desde então, reproduzida em todas as outras.

O primeiro tradutor de Eça para francês foi M. L. Simões que, até agora, ninguém conseguiu identificar. Mas, também, *O Mandarim* voltou a ser traduzido em francês por Claude Frazac e Jacques Drapet. Pode ler-se nos números 15 a 17, de Julho a Outubro de 1911, em *La Revue*, antiga *Revue des Revues*. Claude Frazac era o pseudónimo literário da Cristiano Frazão Pacheco que, no início do século, exerceu o jornalismo em França.

Natural de S. Miguel dos Açores, nasceu em Ponta Delgada em 22 de Agosto de 1885 e faleceu em Lisboa a 3 de Maio de 1964. Pertencia a uma família tradicional da ilha. Frequentou, em Lisboa, a Escola Académica e o Curso Superior de Letras. Relacionou-se então com políticos e intelectuais de várias tendências. Manuel Teixeira Gomes cita-o numa das anotações do diário incluído em *Londres Maravilhosa*.

Com Lúcio Agnelo Casimiro, seu colega no Curso Superior de Letras (e mais tarde professor do liceu e advogado em Ponta Delgada), fundou a revista *Nossa Terra*, um projecto de efémera duração que se aproxima do neo-garretismo de Alberto de Oliveira e da fase nacionalista de Ramalho e que vai ter mais ampla expressão literária e política no *Integralismo Lusitano*, nomeadamente com António Sardinha, Luís de Almeida Braga, Hipólito Raposo e Alberto de Monsaraz.

Radcou-se, depois, Cristiano Frazão Pacheco em Paris. Colaborou em diversos jornais e revistas: *Matin*, *Figaro*, *Paris Midi*, *Revue de Paris*, *Revue* (antiga *Revue des Revues*), *Roman et Vie*, *Mond Illustré*. Publicou correspondência inédita de George Sand e fez

traduções de Eça. Casou em Paris – suprema ironia – com uma filha do escritor Manuel Pinheiro Chagas, inimigo fidalgal de Eça e que Eça ridiculizou e vexou de todas as maneiras. Com a proclamação da República a família de Pinheiro Chagas exilara-se, por motivos políticos, em França.

Em 1914 Frazão Pacheco regressou aos Açores para se dedicar à indústria e ao comércio. Fundou em São Miguel a Sociedade Corretora Limitada, a Companhia de Navegação Carregadores Açorianos, a Casa Bancária Frazão Pacheco e Comandita, as Fábricas de Conservas de Peixe e de Carne de S. Roque, de Vila Franca e da Calheta em S. Jorge. Além da actividade no domínio das conservas, desenvolveu a produção e exportação de ananases para os mercados da Europa e da América. Os objectivos empresariais de Frazão Pacheco foram enunciados no *Boletim Económico da Sociedade Correctora*, cujo primeiro número é de Outubro de 1924. Será ainda de mencionar que, em Ponta Delgada, instalou o primeiro laboratório de Patologia Vegetal, sob a direcção científica de Matilde Bensaúde.

Todas estas realizações sofreram vicissitudes resultantes das guerras de 1914/1918 e de 1939/1945, das crises mundiais e nacionais na economia e na banca, de lutas e conflitos com poderes públicos e, sobretudo, com grupos económicos que preponderavam em S. Miguel, em especial Bensaúde e Companhia.

Todavia, Cristiano Frazão Pacheco não renunciou ao seu passado literário e jornalístico. Em 1920, contribuiu para a fundação do jornal *O Correio dos Açores*, cuja direcção, durante muitos anos, esteve confiada a José Bruno Carreiro, biógrafo de Antero e autor da adaptação ao teatro de *Os Maias* de Eça de Queirós. Também fundou, em 1939, o jornal *A Ilha*, primeiro como diário dirigido por Agnelo Casimiro; mais tarde semanário, diri-

gido por José Barbosa. Nesta última fase tornou-se um órgão predominantemente literário, abrindo as suas colunas às novas gerações empenhadas no modernismo.

Na imprensa açoriana, principalmente n' *A Ilha*, Frazão Pacheco escreveu dezenas de artigos, a maior parte dos quais subordinados a assuntos de interesse local. Destaca-se a série que publicou de Julho a Outubro de 1958, acerca do problema das comunicações marítimas entre as ilhas e a metrópole. Rompeu o silêncio cúmplice do compadrio regional e nacional e enfrentou a censura imposta aos jornais e que, em S. Miguel, teve executores que por medo, sabujice e um prato de lentilhas conseguiam exagerar a orientação da máquina repressiva do salazarismo. Não receou incompatibilidades com o poder político e administrativo, nem com os grupos económicos à frente dos quais avultava (e avulta), Bensaúde e Companhia.

Estes textos, de forte conteúdo polémico, foram reunidos em Novembro de 1961, no opúsculo *As Cinco Desgraças do Arquipélago dos Açores*. A mordacidade e truculência de Frazão Pacheco desmontou as armadilhas de pequenos títeres, de sicários arrogantes, de sacripantas balofos, a postura velhaca e conformista da aristocracia decadente e da burguesia de pacotilha da sociedade micaelense. Pela sua coragem e vigorosa expressão literária assinalam um dos mais significativos momentos da imprensa açoriana deste século.

O poeta Armando Côrtes-Rodrigues, do grupo do *Orpheu*, numa crónica evocativa de Frazão Pacheco, pormenorizou a sua passagem por Paris e as ligações profundas que tinha com a cultura francesa. «A guerra – acentuou – obriga-o a voltar a S. Miguel». Mas, em breve, outros problemas económicos o conduzem a uma vida errante, com

base na sua casa em Paris, que sempre manteve até 1933, data em que definitivamente se fixou nesta ilha. Atirado tão moço à sedução de um grande meio, aberto à inexperiência dos novos ou à curiosidade dos estrangeiros, Frazão Pacheco preferiu, acima de tudo, a convivência com escritores. Alguns de renome conheceu ele mais de perto, como Giraudoux, Pierre Benoit e esse célebre Papadiamantopoulos, grego de nascimento, que os fados de tal modo empurraram para Paris, que entrou na literatura francesa com o nome de Jean Moréas e em tamanha evidência, que foi ele quem publicou o manifesto do Simbolismo francês.

Frazão Pacheco, que lhe frequentara, entre os admiradores, a mesa da celebridade no restaurante Vachette, tinha uma série de lembranças anedóticas que bem mereciam ser registadas. Datam dessa época as suas traduções para francês do *Suave Milagre* e outras páginas de Eça de Queirós e de um conto de Malheiro Dias. Devem-lhe também os franceses o bom serviço da publicação em 1911, das *Cartas de George Sand a Emilie de Wisness*, sua companheira no Colège des Dames Anglaises.

«Para os seus amigos de S. Miguel – concluiu Côrtes-Rodrigues – que viviam para cá ainda mais arredados, pela distância oceânica, de toda essa incansável florescência literária, Frazão Pacheco foi sempre aquele aureolado de modernidade espiritual, que vinha de Paris, que vivia em Paris, e que até tinha casa de residência em Paris, onde por vezes se acolheram muitos micaelenses. Era ele o portador das últimas novidades editoriais e, emprestando jornais e livros, saciava a curiosidade dos que se interessavam por esse arejo de horizontes» (*A Ilha*, 6-6-1964).

Podemos acrescentar que, a convite de Cristiano Frazão Pacheco, visitaram S. Miguel escritores, artistas, professores

universitários franceses entre os quais Cris-thine Garnier, autora do livro *Férias com Salazar* e, também, de um romance que decorre em Ponta Delgada e em outros locais da ilha: *L'Essuie Glace* (1967).

Ainda tivemos o gosto de conhecer e conviver com Cristiano Frazão Pacheco. Mostrou-nos algumas páginas do original completo da tradução d'*A Cidade e as Serras*, *La Ville et les Champs*, de que entregara em Paris, no editor Féval, uma cópia. Não foi publicada pois – disse-nos – «*Eça de Queirós nunca foi devidamente lançado em França, por culpa dos herdeiros e dos editores portugueses e franceses*».

A revista *Insulana*, órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada (vol. I, n.º 3, 1945), ao assinalar o 1.º centenário do nascimento de Eça de Queirós, publicou a versão francesa do *Suave Milagre* e que, a seguir, reproduzimos. Na mesma revista, na secção «Vária», saiu uma notícia acerca das várias traduções de Eça feitas por Frazão Pacheco, descrevendo a sua estadia em Paris e as tertúlias que frequentou. Guerra da Cal ocupa-se de Frazão Pacheco em sucessivos registos, em *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*: vol. I 189, 702, 752 e 1100; IIA 4648-49; III 11630 e Adenda 102. Considera, no entanto, a biografia publicada na *Insulana* de 1945, uma notícia necrológica quando, afinal, só faleceu, conforme esclarecemos, em Maio de 1964.

Seja como for, incorporou Frazão Pacheco, nesta obra fundamental de referência queirosiana. Além de *Le Mandarin*, publicado em *La Revue* e do *Suave Miracle*, na *Insulana*, também traduziu *Singularidades de uma Rapariga Loira*, José Matias, *Um Poeta Lírico* e como já salientamos *A Cidade e as Serras*. Teriam sido publicadas estas ou algumas destas traduções? Aonde? O espólio de Frazão Pacheco está salvaguardado? E em condições de permitir uma investigação eficaz?

### Suave Miracle

❖ En ce temps-là, Jésus n'était pas encore parti de Galilée, des bords du lac de Génézareth, mais la nouvelle de ses miracles était déjà arrivée à Sichem, ville riche, parmi les vignobles du pays de Samarie.

Un après-midi, un homme était passé, les cheveux au vent; il disait qu'un nouveau Rabbi, un nouveau prophète, avait erré sur les collines vertes de Magdala et de Capharnaüm annonçant l'arrivée du royaume de Dieu et guérissant tous les maux humains. Comme il se reposait près du puits de Jacob, cet homme raconta, en outre, que le Rabbi, dans un champ du côté de Capharnaüm, avait guéri l'esclave d'un centurion romain, de loin, d'une seule parole suavement murmurée; et que, par un autre après-midi, ayant traversé, sur une barque; de Galilée au pays des Gadaréniens, où l'on faisait la récolte des baumes, il avait ressuscité la fille de Jaire, homme considérable qui lisait dans la synagogue. Et parce qu'autour de lui, des gens demandaient si c'était le Messie, et quelle douceur il avait dans ses paroles, l'homme se leva, prit sa houlette, et, sans même boire au puits où Jacob avait bu, s'en alla, les cheveux au vent, sur la route qui mène à Béthanie.

Mais un espoir aussi délicieux que la rosée de l'Hermon rafraîchissait les âmes: et la terre sembla aussitôt moins dure et tous les fardeaux moins lourds...

Or, à Sichem, vivait un vieillard appelé Obed, seigneur de grands troupeaux, seigneur de vignobles, issu d'une famille pontificale qui, dès les antiques cultes d'Israël, sacrifiait sur le sommet du mont Ebal. Mais un vent brûlant, ce vent de désolation qui vient, appelé par la voix courroucée du Seigneur, du fond des terres d'Assur, avait tué les meilleurs boeufs de ses troupeaux; – et, sur les coteaux de ses terres, où

il avait vu pousser mille pieds joyeux de vigne, noircissait maintenant, seule, la stérilité des bruyères. Obed, la tête cachée sous son manteau, se plaignait au bord des routes. Puis, ayant entendu parler, à Sichem, du Rabbi de Galilée, qui nourrissait les foules et corrigeait tous les malheurs humains Obed, homme sage et avisé, se dit que ce Rabbi devait être un de ces sorciers qui émerveillaient la Judée, comme Apollonius à la voix de bronze, et comme le subtil Simon de Samarie. Ceux-ci, même par les nuits ténébreuses, causaient avec les étoiles, et savaient des mots qui faisaient fuir de dessus les moissons les taons noirs, engendrés dans les boues de l'Égypte. Jésus, plus puissant qu'Apollonius, plus subtil que Simon, arrêterait la mortalité de ses troupeaux et ferait reverdir ses vignes...

Obed appela ses serviteurs et ordonna qu'ils s'en fussent chercher le Rabbi dans les villes de Galilée.

Les serviteurs attachèrent leurs ceintures de cuir et partirent, d'un pas rapide, vers le nord, par la route des caravanes qui mène à Damas. Un après-midi, ils aperçurent, sur le coucher de soleil rouge, les neiges du mont Hermon; plus loin, le lac de Génézareth étincela devant eux, miroitant, bleu céleste et calme, dans la fraîcheur du matin; une troupe lente de cigognes blanches coupait le ciel clair, volant vers les environs de Safed; la nouvelle ville de Gamala brillait, d'un brillant doux de marbre, parmi la verdure; – et l'eau transparente et sans murmure, baignait les pieds des herbes hautes et des lauriers-rose en fleur.

Un pêcheur, qui détachait paresseusement sa barque, leur dit que le Rabbi avait quitté la Galilée et était parti avec ses disciples, vers Galaad, où le Jourdain descend.

Les serviteurs continuèrent, en courant, sans repos, jusqu'à l'endroit où le Jourdain s'arrête, dans une large quiétude, et dort un moment, immobile et vert, sous l'ombre des tamariniers.

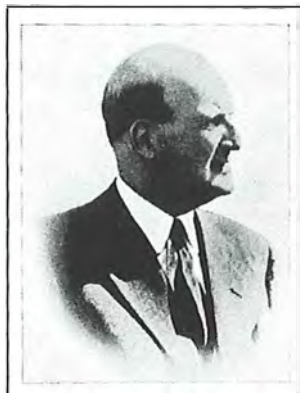
Du seuil d'une cabane, faite de branches, un Essénien, tout recouvert de peaux de chèvre, sombre et sauvage, leur cria que Jésus, seul, s'était éloigné «par là».

Mais, où était-ce «par là»?...

L'Essénien, d'un geste brusque, indiqua, vaguement, les montagnes de la Judée, Engaddi et les frontières mauve du royaume d'Asketh, où se dresse, sinistre sur son rocher, la citadelle de Makaür. Mais, en vain, les serviteurs; haletants, cherchèrent-ils jusqu'au pays de Moab. Jésus n'y était pas.

Un soir, déjà sur le retour, un scribe qui rentrait à Jéricho, passa parmi eux, monté sur un mulet. Les serviteurs d'Obed l'entourèrent, lui demandant s'il avait rencontré un prophète de Galilée qui faisait des miracles. L'homme de loi leur répondit, en colère, qu'il n'y avait pas de prophètes ni de miracles hors de Jérusalem, et que, seul, Jéhovah était fort dans son temple: puis, il les poursuivit encore avec des pierres, au nom du Seigneur d'Israël. Les serviteurs s'enfuirent vers Sichem et grand fut l'accablement d'Obed car ses troupeaux périssaient, ses vignes se desséchaient, – tandis qu'en même temps, grandissait à Samarie, consolateur et plein de divines promesses, le nom de Jésus de Galilée...

Or, un centurion romain, Publius Septimus, commandait alors la forteresse qui domine la vallée par où l'on va vers Césarée et vers la mer. Publius était un homme prospère qui jouissait des faveurs de Flaccus, légat impérial en Syrie. Mais, depuis quelque temps sa fille unique et infiniment aimée dépérissait d'un mal étrange, incompréhensible même aux esculapes et aux magiciens qu'il avait fait consulter à Siddon et à Tyr. Blanche et triste, sans se plaindre et sans parler à son père, elle se laissait mourir, assise sur la terrasse de la forteresse, abritée sous des voiles blanches, regardant avec mélancolie les vagues de la mer par où elle était venue d'Italie, sur une galère, avec des



Cristiano Frazão Pacheco

soldats. Parfois, à ses côtés, un légionnaire, caché derrière les créneaux, tournait lentement sa flèche vers le ciel et tuait un grand aigle qui volait, l'aile sereine, dans le bleu. La fille de Septimus suivait, un moment, l'oiseau tourbillonnant à travers l'espace, jusqu'à ce qu'il tombât, mort, sur les rochers; puis, plus pâle et plus triste, elle continuait à regarder la mer.

Alors, Septimus, ayant entendu parler des sorcelleries de ce Rabbi si puissant sur les esprits, qui guérissait tous les maux, détacha trois décuries de soldats pour le rechercher en toutes les villes de la Décapole, en Pérée, et par tout le long des côtes, jusqu'à Ascalon.

Les soldats mirent leurs boucliers dans des sacs de chanvre et partirent, en faisant résonner leurs sandales ferrées sur les dalles des trois routes romaines qui se croisent en Samarie. La nuit, leurs armes brillaient sur le sommet des collines, étincelant parmi la clarté rouge des flambeaux. Le jour, ils pénétraient dans les maisons, fouillaient dans l'épaisseur des potagers, et les femmes, inquiètes, leur apportaient des figues et des écuelles pleines de vin de Safed qu'ils buvaient, les tenant des deux mains, et d'un seul trait, assis par

terre, sous l'ombre des sycomores. Lorsqu'ils passaient par les postes romains et disaient le nom de Septimus, d'autres légionnaires ou des hommes des cohortes syriennes se joignaient à eux, portant sur leurs casques une branche d'olivier.

Mais ces marches inutiles, à la recherche d'un Rabbi juif, les irritaient, à la longue; maintenant, ils arrêtaient les caravanes, brutalisaient les gens dans les bourgades, en clamant le nom de Jésus.

En les apercevant, les bergers édomites, qui élèvent les boeufs blancs pour le Temple, se réfugiaient, en hâte, sur les monts; et, du bord des aires des villas, les vieillards secouaient sur eux des mains pleines de mauvais présages, en invoquant la colère d'Elie. Dans le voisinage d'Hébron, ils taïnèrent hors de leurs cavernes les solitaires pour leur arracher le nom du désert ou du palier, où se cachait Jésus de Galilée, et devant l'ignorance de deux marchands qui revenaient de Joppé avec une cargaison de molabâtre, et qui n'avaient jamais entendu le nom du Rabbi de Galilée, ceci leur fut tenu pour un crime et ils durent payer vingt drachmes au décurion.

Ainsi s'en allèrent-ils jusqu'à Ascalon, sans rencontrer Jésus, – et ils s'en retournèrent, longeant la côte, enfonçant leurs sandales dans les sables ardents.

Un matin, à l'aube, près de Césarée, ils aperçurent, sur un frais coteau, un bois de lauriers où blanchissait timidement la façade lisse d'un temple. Un vieillard à barbe blanche, tout vêtu de lin blanc, y attendait, gravement, avec dévotion, l'apparition du soleil. Les soldats, en bas, agitant les branches d'olivier lui demandèrent ce qu'il savait d'un prophète de Galilée qui faisait des miracles. Le vieillard, calme, souriant, leur dit qu'il n'y avait pas de prophètes, qu'il n'y avait pas de miracles, et que, seul, Apollon Delphique connaissait le secret des choses. Alors lentement, la tête baissée, comme par un

après-midi de déroute, les soldats rentrèrent à la forteresse de Samarie, – et grand fut le désespoir de Septimus, car sa fille se mourait, sans se plaindre et sans parler à son père, – tandis que la renommée de Jésus de Galilée montait, éclairant toute la Samarie, comme l’Aurore lorsqu’elle se lève derrière le mont Hermon...

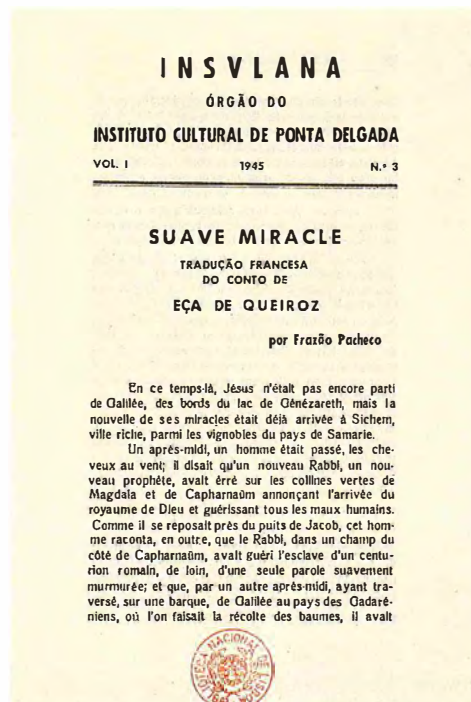
Or, près de Sichem, dans une mesure, vivait une veuve, malheureuse entre toutes, qui avait son fils malade de la fièvre. Le sol misérable de sa demeure n’était pas blanchi et il n’y avait pas même de matelas. Dans la lampe; en argile rouge, l’huile s’était séchée. Le grain manquait dans le coffre; le bruit sourd du moulin domestique, s’était arrêté, et ce malheur montrait, en Israël, l’évidence cruelle de la misère infinie.

La pauvre mère, assise dans un coin, pleurait; – et, étendu sur ses genoux, couvert de haillons, tout tremblant et pâle, l’enfant lui demandait, d’une voix aussi faible qu’un soupir, qu’elle allât appeler ce Rabbi de Galilée – dont il avait entendu parler près du puits de Jacob – qui aimait les enfants, nourrissait les foules et guérissait tous les maux, avec la caresse de ses mains.

Et la mère disait, en pleurant:

– Comment veux-tu, mon fils, que je te quitte et que j’aille chercher le Rabbi en Galilée? Obed est riche et a des serviteurs; je les ai vus passer, et, en vain cherchèrent-ils Jésus, à travers les sablonnières, à travers les villes, depuis Chorazin jusqu’au pays de Moab. Septimus est puissant et a des soldats; je les ai vus passer et demander après Jésus, sans le rencontrer, depuis Hébron jusqu’à la mer... Comment veux-tu que je te quitte? Jésus est si loin; notre douleur est avec nous. Et, sans doute, le Rabbi qui lit dans les nouvelles synagogues, n’écouterait pas les plaintes d’une mère de Samarie, qui sait à peine prier, comme jadis, sur la cime du mont Gérazin.

L’enfant, les yeux fermés, pâle et comme mort, murmura le nom de Jésus...



*Insulana*, Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1945, vol. I, nº 3. Página com início da tradução francesa de Suave Milagre, por Frazão Pacheco. Lisboa, Biblioteca Nacional (PP 20242 V).

Et la mère disait, en pleurant:

– A quoi servirait, mon fils, de partir et d’aller le chercher? Les routes de Syrie sont longues; la pitié des hommes est courte. Me voyant si pauvre et si seule les chiens viendraient aboyer sur mes pas, aux portes des maisons. Certainement, Jésus est mort – et avec lui est mort; une fois de plus, tout l’espoir des tristes.

Pâle et défaillant, l’enfant murmura:

– Mère, je voudrais voir Jésus de Galilée...

Et, tout aussitôt, poussant la porte avec douceur, Jésus, qui souriait, dit à l’enfant:

– Me voici.

[Tradução francesa do conto de Eça de Queirós «Suave Milagre» por Frazão Pacheco, *Insulana* – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1945, vol. I, nº 3.]